

QUEM É O ZARATUSTRA DE NIETZSCHE? – ZARATUSTRA COMO EDUCADOR

*WHO IS ZARATUSTRA OF NIETZSCHE?
– ZARATUSTRA LIKE EDUCATOR*

*¿QUIÉN ES EL ZARATUSTRA DE NIETZSCHE?
ZARATUSTRA COMO EDUCADOR*

MARIA DOS REMÉDIOS BRITO¹

RESUMO O presente texto procura traçar algumas linhas sobre o tipo Zaratustra, personagem principal da obra Assim Falou Zaratustra, bem como mostra que tal personagem é um educador. Zaratustra é educador não por determinar condutas, valores, leis, juízos, disciplinas, nem por qualquer aspecto que percorra as linhas da moralidade. É educador pelo pleno exercício de educar a si mesmo, pelo pleno exercício de experimentação de si. Essa imagem do educador Zaratustra permite pensar a educação/formação por vias da singularidade e da diferença.

PALAVRAS-CHAVE: NIETZSCHE; TIPO ZARATUSTRA; ZARATUSTRA COMO EDUCADOR.

ABSTRACT This work has an objective to do some parallel lines about Zaratustra, the main character in the masterpiece “Assim falou Zaratustra”, it shows that this character is an educator. Zaratustra is an educator not to determine, customs, values, judgment, discipline, and even in other view suggesting morality. He is an educator just for his own exercise, to try experience himself. This Zaratustra’s image allows us to think about education – formation of singularity and difference.

KEYWORDS: NIETZSCHE; KIND ZARATUSTRA; ZARATUSTRA LIKE AN EDUCATOR.

RESUMEN En este trabajo se intenta extraer algunas líneas sobre el tipo Zaratustra, personaje principal de obra Así habló Zaratustra, y muestra que este personaje es un educador. Zaratustra no es un educador para determinar comportamientos, valores, leyes, ordenanzas, disciplinas, y no para cualquier aspecto que ir a través de las líneas de la moralidad. Es educador en el pleno ejercicio de si mismo, a través del ejercicio de la experimentación de si. Esta imagen de Zaratustra eduador permite pensar la educación/formación a modo de la singularidad y la diferencia.

PALABRAS CLAVE: NIETZSCHE; TIPO ZARATUSTRA; ZARATUSTRA COMO EDUCADOR.

¹ Universidade Federal do Pará, Belém do Pará/PA – Brasil.

1. O TIPO¹ “ZARATUSTRAS”

Zaratustra é o personagem central da obra *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém*, de Nietzsche. Contudo, cabe perguntar: Quem é o tipo Zaratustra? Quais seus movimentos? Entende-se por estar ao lado da invenção, que o personagem central pode ser visto como um *tipo de grande saúde*. Mas isso pode ser esclarecido, primeiramente, a partir do sentido dado para o seu próprio nome. Há intérpretes que afirmam que o início de Zaratustra mostra ressonância da leitura que Nietzsche fez anos antes do livro de Friedrich Creuzer, *Simbólica e Mitologia dos Povos Antigos*, que continha uma exposição do Zend-Avesta, livro sagrado da religião de Zoroastro, o persa religioso.² Nietzsche fala do motivo que o levou a escolher o nome de Zaratustra:

...que significa precisamente na minha boca, na boca do primeiro imoralista, o nome de Zaratustra, pois o que faz a singularidade desse persa na história é justamente o contrário do imoralista. Zaratustra foi o primeiro a ver a luta entre o bem e o mal, a verdadeira roda motriz na engrenagem das coisas - a transformação da moral para a metafísica, como força, causa, fim em si, (...). (NIETZSCHE, 1995, p. 110-111).

Zaratustra foi o inventor da moral e o maior refutador da ordem moral universal e deve ser o primeiro a reconhecê-lo. Mostrando-se como a antítese da negatividade, é um contramodelo do moralista. A escolha do nome do Zaratustra de Nietzsche implica, especialmente, uma provocação, com o intento de desfazer a ideia do persa Zoroastro sobre a distinção entre bem e mal.

Zaratustra, ao se colocar como imoralista, não pretende ser como os compassivos, os “bons”, os “virtuosos”, que construíram os maiores erros e instituíram a verdade como moralidade, vendo a própria vida sob o veneno da moralização. Esses moralistas têm, acima de tudo, uma saúde enfraquecida e negativa. Sendo oposto ao instinto de negação, de degeneração, que procura se voltar contra a vida, o tipo Zaratustra se põe como *afirmativo por excelência e destruidor por excelência*.

No fundo são duas negações que a minha palavra imoralista encerra. Eu nego, por um lado, um tipo de homem que até agora foi tido como o mais elevado, *os bons, os benévolos, os benéficos*; nego, por outro lado, uma espécie de moral que alcançou vigência e domínio como moral em si - a moral de *decadência*, falando de modo mais tangível, a moral *cristã*. Seria legítimo ver a segunda

¹ Sobre a questão da tipologia, acredita-se que em Nietzsche isto deva remeter para o aspecto da criação, no sentido da própria arte. Assim, o uso do termo não quer dizer uma essência, algo imutável, ao contrário, está no campo da criação, da transformação. De tal modo, o tipo Zaratustra não deve ser compreendido como uma espécie exemplar, mas algo que está no exercício criador de si mesmo. Sobre o aspecto da tipologia há uma nota bastante ilustrativa de número 73 do capítulo IV “A transição ao Além-do-Homem: tensões e impasses”, do livro cujo título é “Niilismo, criação, aniquilamento” de Cladimir Luis Araldi. Discurso editorial, p. 339. Nietzsche também procura apresentar essa tipologia não com simplicidade, há nela uma grande complexidade de elementos e diversidades, bem como polaridades, como o tipo superior, nobre, ou o tipo fraco, minguante, o além-do-homem e o último homem. Nestes, estão constituídos suas polaridades, contradições, tensões e movimentos.

² MACHADO, Roberto. Zaratustra: tragédia nietzschiana, p. 35-36.

contestação como a mais decisiva, pois a superestimação da bondade e da benevolência já me parece, de modo geral, consequência da *decadência*, sintoma de fraqueza, incompatível com uma vida ascendente e afirmadora: o negar e o *destruir* são condições para afirmar (NIETZSCHE, 1993, p. 111).

Zaratustra, além de denunciar a farsa da moral cristã, a moral da compaixão, que adoece e enfraquece a vontade afirmativa, pontua novas tábuas de valores, colocando-se como destruidor, mas também como aquele que cria. Para ele, os valores são humanos, e, portanto, construídos e derrubados pelo homem, que dá o efeito e o sentido para tais valores. Zaratustra define sua tarefa tornando-se *afirmativo a ponto de justificar, de redimir mesmo tudo que passou* (NIETZSCHE, 1995, p. 93).

Nietzsche alerta que Zaratustra, ao diagnosticar esse sintoma de decadência³ no homem e na própria cultura moderna, diz que tudo isso é incompatível com a vida, com a

³ Sobre a questão da decadência, esse é um termo de ordem fundamental na filosofia de Nietzsche. Esse termo foi utilizado por Paul Bourget que o põe mais no sentido literário e que Nietzsche retoma dessa forma e depois amplia no seu livro “O Caso Wagner, § 7”. Como se caracteriza toda a decadência literária? Pelo fato de a vida não mais habitar o todo. A palavra se torna soberana e pula fora da frase, a frase transborda e obscurece o sentido da página, a página ganha vida em detrimento do todo – o todo já não é todo. Mas essa é uma imagem para todo estilo de decadência: cada vez mais, anarquia dos átomos, desagregação da vontade, “liberdade individual”, em termos morais – estendendo-se à teoria política, “direitos iguais para todos”. A vida, a vivacidade mesma, a vibração e exuberância da vida comprimida nas mais pequenas formações, o resto pobre de vida. Em toda parte paralisia, cansaço, entorpecimento ou inimizade e caos: uns e outros saltando aos olhos, quanto mais ascendemos nas formas e organização. O todo já não vive absolutamente: é justaposto, calculado, postico, um artefato. Pode-se conferir ainda a nota de número 27 da tradução de Paulo César de Souza, que Nietzsche, em um “fragmento póstumo” do início de 1888, num esboço dessa preocupação encontra-se o nome de Paul Bourget, ensaísta francês admirado por Nietzsche. E já foi observado que essa frase é quase uma tradução do seguinte trecho de *Essays de psychologie contemporaine*, de Bourget (Paris, 1883) *Une même loi gouverne le développement et la décadence est celui où l'unité du livre se décompose pour laisser la place à l'indépendance du mot* (apud Colli e Montinari, KSA, vol. 13). Há um texto bastante interessante que remete a essa questão de Wolfgang Müller-Lauter: *Décadence artística enquanto décadence fisiológica*. Há também a proposta da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner. *Cadernos Nietzsche*, n. 6, 1999. É bom ressaltar que a decadência se manifesta com um estado de forças, em que a vontade que domina preza pela desagregação, enquanto a dominada quer sempre conservar. O movimento de decadência pode ser compreendido como estado permanente, o qual pode ser pensado como processo que tem longa duração diante da história. Pode-se dizer que o mundo e a sociedade modernos encontram-se em desagregação, sendo, então, incapazes de operar diante da totalidade vital. Mas o processo de decadência anuncia o constante movimento de negação, de declínio de todos os valores até então vigentes, e vai procedendo para um movimento de aniquilação, ele procura se contrapor às forças antívidas, que são dominantes. Contudo, são forças que não criam, são tipos afirmativos que desejam apenas a conservação, são incapazes de instituir novos valores, só reverterem o seu sentido, por isso diz Giacoia que “Inversão e oposição constituem sua dynamis” (Cf. GIAGOIA JUNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma*: Nietzsche e a auto-supressão da moral. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1997, p. 22). Para Nietzsche a história da ascensão e do declínio vem se manifestando com o traço da decadência. A dinâmica da reversão e oposição é a própria explicação do sentido constituinte das oposições, contudo, elas estão em tensão, em luta constante, desejando impor o seu comando, a sua vontade, seja reativa ou ativa, conservadora ou construtora de novos valores. O seu movimento é conduzido pela vontade niilista, a vontade de nada, mas sendo uma vontade, não chega a querer dominar, impor a sua força e o seu querer, acaba resultando em sua ambiguidade, em que o nada não pode ser compreendido sem o nada da vontade. Portanto, mesmo a vontade de nada tem a sua potência. Dessa forma, a vontade negativa também triunfa sobre a vontade de morte. Contudo, sua natureza é vontade que quer a luta, a força, ela mesma não quer a conservação, mas o movimento constante. Desse modo, a vida minguante, decadente, não deixa de se mover contrariamente, sendo que desse movimento pode emergir a sua vontade criadora.

autosuperação, com a afirmação. Portanto, o seu negar é fundamentalmente afirmativo. Zaratustra, dentro do contexto de decadência, quer no fundo representar um novo tipo de homem e de cultura, um novo tipo de vida e de mundo, um novo tipo afirmativo de existência. A oposição quer apenas tensionar uma unidade constitutiva e representativa de uma afirmação suprema que se opõe, somente de forma secundária, a todo tipo reativo. Ao reconhecer a negatividade, Zaratustra, pelo exemplo, mostra-se como o tipo capaz de “suportar” todo o peso, toda a gravidade, para ter consigo a tarefa de afirmação suprema de novos valores, transpondo o espírito pesado em espírito leve, criador da vida, mesmo sabendo das adversidades mais profundas da natureza de tal existência. Mesmo assim, não faz objeções a nada. Nesse sentido, ao contrário do Zoroastro persa – o moralista – o nome do Zaratustra de Nietzsche está mais próximo de Dioniso. Por isso, *Ecce Homo*, em “Assim Falou Zaratustra” § 6, representa a experiência mais elevada. *Meu conceito de dionisíaco “tornou-se ali supremo”* (NIETZSCHE, 1995, p. 88), ou seja, Zaratustra considera-se como uma espécie de encarnação de Dioniso, pois sob essa perspectiva a sua filosofia é a mais afirmativa da vida. Por isso, ele o apresenta como um Deus da superabundância, que sabe dizer sim, sem reservas, a todo tipo de sofrimento e a tudo que possa ser visto como ruim na vida, sem culpa nem ressentimento. Assim, é traçado o tipo psicológico de Zaratustra.

(...) como aquele que em grau inaudito diz Não, *faz* Não a tudo a que até então se disse Sim, pode, no entanto, ser o oposto de um espírito de negação; como o espírito portador do mais pesado destino, de uma fatalidade de tarefa, pode, no entanto, ser o mais além e mais leve, (...) como aquele que tem a mais dura e terrível percepção da realidade, que pensou o ‘mais abissal pensamento’, não encontra nisso, entretanto, objeção alguma ao existir, (...) o imenso ilimitado Sim e Amém (...) ‘A todos os abismos levo a bênção do meu Sim’ ... *Mas esta é a ideia do Dioniso mais uma vez*⁴ (NIETZSCHE, 1995, p. 90).

Os princípios básicos do tipo Zaratustra são expostos aqui: 1 – destruição e construção, 2 – fazendo e dizendo não se torna afirmativo, e sabe dizer sim sem reservas, 3 – afirmando o fluxo do vir a ser, ama o seu destino e afirma a vida. Nietzsche parece querer recuar no Dioniso a transformação, a sua metamorfose, que se dá no homem *dioisiacus* pelo êxtase e também pelo entusiasmo. Para este, nada pode ser desconsiderável, nem mesmo tudo aquilo que os cristãos abominam e rejeitam. Por outro lado, argumenta que Zaratustra, ao tomar essas características dionisíacas, dispõe-se à construção de novos valores. Pode-se dizer que, como Dioniso, Zaratustra é um tipo destruidor, construtor, aceita sem reservas o vir a ser do mundo e da vida, ama seu destino sem receio ou medo, busca a superação e a transformação. Diz Nietzsche, no *Ecce Homo*, § 3, “*O Nascimento da Tragédia:*” *a isto – chamei de dionisíaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico* (...) (NIETZSCHE, 1995, p. 64).

O tipo Zaratustra é nascido da abundância, tudo da vida não pode ser dispensável. Sem receio ou culpa dos ressentidos encaminha-se pelo excesso, longe da perspectiva dos compassivos, ele é um tipo afirmativo, o seu *Sim* à vida se põe diante dos problemas mais

⁴ EH/EH. “Assim Falou Zaratustra” § 6.

estranhos e controversos, pois a sua vontade de criação e superação é mais forte do que se possa imaginar. Essa é a sua própria chave para o dionisíaco, pois *o dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício...* (NIETZSCHE, 1995, p. 63-64). Nietzsche mostra a sabedoria trágica de Zaratustra em relação à vida e ao mundo.

Ao se colocar como um imoralista quer se distinguir dos bons e justos, pondo todo tipo de moral cristã como abaixo de si mesmo: (...) *isto requer uma altura, uma longividência, uma até então inaudita profundidade ou “abissalidade” psicológica* (NIETZSCHE, 1995, p. 114). Para ele, toda moral cristã é a mais maligna e também o embuste mais venenoso, que serve para corromper a humanidade, induzindo-a a viver uma vida de sacrifícios na terra para mais tarde sentir a verdadeira felicidade no além-mundo. O tipo Zaratustra sabe dizer *Não* a todo tipo de humanismo rasteiro e impõe-se para o bem da sua saúde fazer a destruição para poder construir. Por isso, aceita o fluir e o destruir como componentes decisivos em sua filosofia.

Para ter-se clareza desse tipo é importante compreender sua fisiologia: Diz Nietzsche no *Ecce Homo*, em “*Assim Falou Zaratustra*”, § 2, *é preciso ganhar clareza sobre o seu pressuposto fisiológico* (NIETZSCHE, 1995, p. 84), ou, melhor dizendo, ter grande saúde advém da necessidade de desenvolver a mentalidade audaz de um tipo que, por excelência é um descobridor, um conquistador. E tudo isso deve ser adquirido, conquistado, mas também perdido, desfeito, pois assim requer essa excelência. É preciso de alguma forma abandonar para novamente poder conquistar, assim requerem aqueles que são náufragos e sofridos. Cito-o: no aforismo § 2, *Ecce Homo*, em “*Assim Falou Zaratustra*”, *Com frequência náufragos e sofridos, mas, como se disse, mais são do que nos concederiam, perigosamente, sempre novamente são* (NIETZSCHE, 1995, p. 84). Com Zaratustra, Nietzsche apresenta um espírito mais audacioso, fortalecido, aquele que sabe rir, mas que sabe sentir verdadeiramente a vida em sua profundidade. É por isso que o seu declínio procura experimentar atravessar o subterrâneo, empreendendo uma existência independente, o que o fez rejeitar e ao mesmo tempo aceitar o peso, pois é com ele que seu espírito se conduz para andanças, empenhando-se em novas tentativas de vida. Cito Eugen Fink:

No Zaratustra brota, à semelhança de uma força da Natureza, o espírito de empreendimento mais audacioso, o espírito da vida que experimenta, esse espírito que atravessou como uma corrente subterrânea (...), que, adulterando e dissociando toda a atitude científica, se propagou como um frêmito na personagem do “Espírito Livre” (...). Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu caráter de empreendimento audacioso; rejeitar os pesos opressivos que são Deus, a Moral e o Além, que do exterior determinam o homem, o limitam e o conduzem em andadeiras; obter para a liberdade humana um novo espaço onde ela se possa instalar num quadro totalmente novo e empenhar-se em novas tentativas vitais (...) (FINK, E. 1988, p. 65-66).

Pode-se inferir que Nietzsche já vinha efetivamente compondo esse tipo, essa voz, essa postura e essa ação. Afirmativo, elege a afirmação pura, desde a sua crítica à cultura e

à educação em sua juventude, quando de forma feroz ataca o otimismo da modernidade e com ele todas as instituições e o próprio aniquilamento dos indivíduos, que diante de seus mecanismos sociais e políticos tornam-se rebanho, massa de manobra, negligenciando, por outro lado, uma formação para o cultivo real do espírito e da vida.

Em *Schopenhauer como Educador*, por exemplo, Nietzsche não teme o pessimismo de Schopenhauer, mas sendo ele um espírito cultivado, independente, extrai de seu pessimismo elementos que podem ser um martelo para a barbárie vista na modernidade. A lição de Schopenhauer é que a dor faz parte da vida, assim como também a dor e o sofrimento educam. Questão sempre presente na filosofia de Nietzsche e no seu Zarathustra, nessa obra ele mesmo desafia todo tipo de pessimismo. Para Nietzsche, as naturezas senhoris, o gênio,⁵ os nobres, são naturezas que sabem lidar com esses componentes da vida e com eles

⁵ Segundo Eugin Fink, o conceito de Gênio compreendido por Nietzsche não deve ser entendido por motivos meramente humanos. Não é um homem separado dos outros mais inferiores, não é só um tipo bem-sucedido, de grandes qualidades, mas ele está ligado a alguma coisa que seja além-do-homem, que tem uma espécie de missão, que deve compreender o destino do homem. Pode-se inferir que esse conceito é de certa forma a sua preparação para o conceito de além-do-homem, que se reverte de uma força, de uma vontade criadora, de uma liberdade, de um querer ser senhor, e é tudo isso que o faz atuar, agir, tomar atitude diante da vida e do mundo. A grandeza é esse sentimento que lança o gênio, o além-do-homem a exercer-se como instrumento de criação, de força e de comando. Portanto, tanto o conceito de Gênio como o de além-do-homem devem ser visualizados a partir da relação do homem com o mundo e a vida. Não é o saber das ciências, mas o saber íntimo com a vida que o movimento no mundo e dentro da própria cultura. Portanto, diz Eugin Fink, que “o gênio é o que permanece na unidade de um estilo artístico, esta concepção de Nietzsche é nele próprio constantemente recoberta por uma heroização rápida e sumária do gênio” (1988, p. 36). Para enfatizar cito Eugin Fink, “Com isto afloramos um tema fundamental de Nietzsche: o seu conceito do homem tem uma dupla interpretação; ele oscila entre uma concepção que permanece na esfera do simples humano, nela distinguindo os extremos do tipo criador e do não criador, do gênio e do rebanho, e uma interpretação mais profunda da humanidade que, para além de todos os humanos, compreende o homem como investido da sua missão cósmica, como sendo o lugar da verdade do todo. Na história da filosofia nietzschiana essa tensão inerente ao conceito do homem permanece constantemente atual. Na verdade, ele procura o ‘grande homem’ quando pretende dizer o que é afinal o homem em geral, mas a interpretação da grandeza humana oscila sempre na mencionada ambiguidade. No primeiro período, porém, é incontestável que Nietzsche fundamenta por princípio a metafísica do gênio na metafísica geral de artista, metafísica da vida do mundo, e o seu conceito de cultura na imagem trágica da vida. É a partir desse fundamento que se deve entender o seu desejo de reformar a cultura” (Ibid., p. 37). Sobre a questão do gênio, diferentemente de Eugin Fink, Rosa Dias desenvolve uma importante interpretação a respeito, informando a primeira influência de Schopenhauer sobre esse conceito na visão de Nietzsche, mas progressivamente Nietzsche rompe com Schopenhauer e efetiva sua própria compreensão de gênio pontuando um olhar mais ampliado e crítico a esse respeito. No capítulo 6 da “Metafísica do Belo” Schopenhauer diz que a arte é obra do gênio e nesse mesmo texto ele levanta as características do que seja o gênio e o homem comum (Cf. SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Belo*. São Paulo. UNESP, 2003). A essência do gênio reside na capacidade de contemplar, de estar inteiramente absorvido no objeto de sua contemplação. O gênio vê sempre o princípio geral da espécie, e é necessário ter o esquecimento total de sua pessoa, a capacidade de se perder na intuição, de se libertar da escravidão da vontade, despojar-se de sua personalidade, permanecer como puro sujeito do conhecimento (2003). A genialidade para Schopenhauer, segundo Rosa Dias, não é outra coisa que a objetividade mais perfeita. No “Nascimento da Tragédia”, Nietzsche pensou o gênio a partir das categorias Schopenhaurianas. Porém, não é apenas nesse texto que se pode observar tal influência, mas também em *Schopenhauer como Educador*. No entanto, para ser mais bem entendida essa influência, é preciso esclarecer a concepção de gênio em Schopenhauer. Este esclarece a sua fisiologia: o gênio tem um excedente de forças cognitivas, de inteligência e conhecimento intuitivo que permitem livrá-lo da escravidão da vontade, de seus interesses e objetivos, para aprender a essência genérica de todas as coisas. Não há domínio da razão, ao contrário, é frequentemente dominado por variação de humor, uma tensão excessiva da alma, impetuosidade de emoções. O gênio é constantemente melancólico e ciente da miséria de sua própria condição. Tem olhar claro e penetrante, tem um ar de querer contemplar outro mundo. Desligando-se da incessante vontade de viver, afasta-se dos falsos cálculos da ilusão. O gênio fantasia. A sua imaginação é o elemento mais importante e,

sabem ser mais refinadas. Pode-se verificar que o tipo humano visualizado por Nietzsche em Zaratustra já vinha sendo desenhado bem antes, e com ele esse tipo fisiológico toma força. É com Zaratustra que esse tipo afirmativo configura-se em sua plenitude.

Como se pode ver, o tipo fisiológico de Zaratustra pulsava também nas análises referentes ao espírito livre, que Nietzsche tratara em *Humano, Demasiado Humano*. O tipo independente, audacioso, aquele que pode enfrentar a vida, já estava sendo burilado e toma corpo ampliando-se em Zaratustra. Ele pode ser também visualizado em *A Gaia Ciência*, em tudo que se vê como poético, livre, dançante, na linguagem de Nietzsche nesse período.

O tipo Zaratustra é o mais afirmativo dos espíritos. Para tal tarefa é preciso audácia, e ele é um *tipo* de espírito que, por transbordar, por excesso e não por falta, brinca com tudo que é santo e sagrado (NIETZSCHE, 1995, p. 84), como é colocado no *Ecce Homo, Assim Falou Zaratustra*, § 2. Diz ainda no *Ecce Homo*, “*Assim Falou Zaratustra*”, § 6, que esse tipo: *Ele contradiz com cada palavra, esse mais afirmativo dos espíritos, nele todos os opostos se fundem em uma nova unidade (...) Até então não se sabe o que é altura, o que é profundidade, sabe-se menos ainda o que é verdade (...) Para esse tipo, ressalta Nietzsche: (...) o elemento alciônico, os pés ligeiros, a onipresença, e o que mais for típico do tipo Zaratustra* (NIETZSCHE, 1995, p. 89). Nietzsche apresenta Zaratustra como um espírito que tem a alma com mais longa escala e que pode ir mais longe até as alturas. Esse tipo não tem receio de mergulhar na contradição, no nebuloso, lança-se mesmo ao ocaso. Para esse espírito que aprendeu a amar a si mesmo, todas as coisas têm sua contracorrente. Sendo o oposto do moralista faz *Não* a tudo que até agora se disse *Sim*.

O teor provocativo apresentado pela figura do Zaratustra de Nietzsche exagera o que é mais apreciável para o homem do seu tempo, a saber: a moralidade reinante, a compaixão, a piedade, o amor ao próximo, às virtudes cristãs. Também ao se apresentar como tipo de

somente com ela, ele pode representar cada objeto por uma imagem viva e esgotar o que recebe da intuição. Suas ideias serão limitadas às ideias dos objetos presentes. O gênio só é livre quando está a serviço da humanidade. O gênio está além das motivações interesseiras e interessadas. O gênio é essencialmente solitário e tudo que faz e cria está em luta com o seu tempo. Em “Schopenhauer como Educador” Nietzsche retoma essa ideia de Schopenhauer a respeito do gênio, afirmando que o gênio é aquele que está em luta contra o seu tempo; a genialidade está articulada com a extemporaneidade, ou seja, aquele que sendo filho do seu tempo sofre de todas as suas enfermidades, porque é mais intenso e sensível do que qualquer homem. Nietzsche procura desviar-se da teoria tradicional, e não concebe o gênio com um dom natural ao procurar mostrar em Schopenhauer que este é um gênio não pelo nascimento, mas em virtude de sua vontade, bem como as condições que lhe foram oferecidas e que acompanharam o seu desenvolvimento. Portanto, Schopenhauer fez-se gênio. Assim, em SE/Co/Ext. III já não concebe inteiramente a concepção de Schopenhauer. Se para esse pensador o gênio não se esforça para ser gênio, em Nietzsche isto é totalmente contrário. Depois de “Humano Demasiado Humano” a estratégia para congelar o gênio não é a refutação, mas a da análise filosófica e histórica; porque não acredita em fatos eternos, nem em verdades absolutas, ele faz a gênese da ideia de gênio buscando esclarecer a história de sua transmutação e a alteração de suas funções. Foi a vaidade dos homens, seu amor próprio, que deu origem à concepção de gênio. Os homens atribuíram aos artistas um dom especial, conceberam-no como um *miraculu*, um eleito, obra da divina graça ou imortal. O gênio, posto longe e bem acima dos homens comuns, não deixa os homens sentirem-se inferiorizados por não produzirem uma obra de arte. Nietzsche revela que a noção de gênio é de origem religiosa, e oculta uma reminiscência da veneração dos homens pelos deuses e príncipes. A feição solitária do gênio para a qual Nietzsche havia chamado atenção é revista em *Schopenhauer como Educador* e em *Humano Demasiado Humano*. Da mesma forma que o sofrimento do gênio, agora, é para ele um aspecto patético e ridículo e até mesmo comovente (Cf. DIAS, Rosa Maria. Nietzsche e a questão do Gênio. In: *Assim Falou Zaratustra*. (Orgs.) Miguel Angel de Barrenechea e Olímpio Pimenta Neto. Rio de Janeiro: 7 letras, 1999, p. 97- 104).

grande saúde provoca aqueles que são impotentes, que negam a vida, os enfraquecidos, os típicos de alma. Portanto, entende-se aquilo para que Nietzsche quer chamar atenção quando apresenta Zaratustra como uma fisiologia da *grande saúde*: ele destaca o que se apresenta disfarçado, encoberto, aparentemente saudável, mas que no fundo é doente, sem vida, sem amor, sem luta, sem conflito, que seria a cultura do seu tempo, e com ela os valores éticos, religiosos e cristãos que proliferam entre todas as instâncias, tornando o homem uma besta, sem significado, sem força, sem energia para dirigir a sua própria vida. Tais homens, por outro lado, tendem a colocar nas mãos dos sacerdotes, dos padres, dos professores, dos políticos, do Estado, as próprias decisões, porque já não sabem mais qual o sentido da própria vida, já não sabem mais o verdadeiro sentido do comando. Nietzsche apresenta os valores ético-cristãos da cultura do seu tempo a partir de um aspecto fisiológico dos corpos fracos, de nutrição perigosa, que não favorecem a boa digestão.

Zaratustra desafia, quando contrapõe esses fracos com o tipo nobre, que, para aqueles mais enfraquecidos, não seria suportável ouvir, chegando a ferir os ouvidos, pois tudo que parece aristocrata apresenta-se como ruim ou arrogante. Vive-se tão mesquinamente que aquilo que se diferencia é doentio ou perverso. A tal pequenez está submetida à vida do homem moderno, que não consegue suportar o que realmente pode ser nobre, onde realmente pode haver beleza, pois sua vida está tão banalizada, vista sob o comando do espetáculo, da sabotagem, da técnica exacerbada, que tudo assemelha-se arbitrário e artificial. Tudo que pode ser nobre, de certa forma, acaba sendo esvaziado dentro dessa vida apressada, que parece querer uniformizar todas as coisas, inclusive o próprio indivíduo. Perdido pela promessa do luxo, da felicidade imediata, tudo que possa ser qualitativo torna-se mais apreciável para ele se tiver grande quantificação.

Com isso, pode-se indagar: como alguém que tem como tarefa ser o oposto de tudo que é negativo pode ser o mais leve, mesmo sabendo da mais dura e terrível realidade? Por que para ele não há nenhuma objeção à vida e ao mundo? Sendo assim, que linguagem falará esse tipo? Que valores pretende pensar? O que ele se propõe? Que formação pretende oferecer a si mesmo? No último capítulo do livro *A Gaia Ciência*, ao apresentar Zaratustra, Nietzsche fala do início da tragédia (*incipit tragoedia*). Zaratustra inicia o ideal dos grandes sacrifícios, ele é apresentado como o herói⁶ trágico. E para Nietzsche todo herói é aquele que diz um *Sim* sem reservas à vida, pois é forte o suficiente para suportá-la, para afirmá-la. Cito Jörg Salaquarda:

O mestre Nietzsche define o heroísmo como disposição a “acolher igualmente seu supremo sofrimento e sua suprema esperança”. O homem heroico não se deixa guiar, como o “escravo”, indolente e timorato, por prazer e desprazer, isto é, do exterior, mas por suas mais autênticas tendências. Ele não teme declarar abertamente sua crença (269), sua moral (270, 27) e sua espécie de humanitarismo (274) e impô-los no confronto com outras posições (...)” (SALAUARDA, J. 1999, p. 87).

⁶ Nietzsche, na FW/GC no aforismo § 268, diz que: “O que torna Heroico? – Ir ao encontro, simultaneamente, da sua dor suprema e da sua esperança suprema”.

⁷ As numerações na citação podem ser conferidas com os aforismos do mesmo número do livro: “A Gaia Ciência”.

Sendo aquele capaz de enfrentar o negativo em suas várias maneiras e formas, Zaratustra não desloca o sofrimento, a tristeza, do riso e da alegria, ao combater todo pensamento pesado. É apresentado como herói, porque Zaratustra não pretende agir como um escravo, como um obediente. Vai ao fundo do escuro, procura ver o rosto do homem e de tudo aquilo que ele mais aprecia como bom e como verdade. Do fundo de suas mais autênticas tendências Zaratustra enfrenta todo o horror, pois é por meio dele que pode fazer a sua travessia. Com ele, a tragédia é pensada como sofrimento, mas também como alegria, como afirmação. O herói torna-se dançarino, um experimentador de novas perspectivas. Com isso, pode-se perceber que Nietzsche busca revisar temáticas importantes levantadas em *O Nascimento da Tragédia* como o tipo dionisíaco, quando qualifica Zaratustra como o tipo capaz de afirmar a vida em sua natureza mais diversa, e quando este pode sem medo ir ao fundo de todas as coisas mais perversas e sair de lá ainda revigorado. No entanto, esse herói que se lança para a vida, que consegue caminhar entre os escombros humanos e seus farrapos, não se coloca como sábio, nem santo, nem como um redentor da humanidade.

2. ZARATUSTRAS COMO EDUCADOR

O tipo Zaratustra faz um trabalho de formação consigo mesmo, um efetivo exercício de si como qualidade fundamental na tentativa de “as mais baixas e as mais elevadas forças da natureza humana, o mais doce, mais leve e mais terrível flui de uma nascente com certeza perene” (...), pois o homem é para ele como um material, “uma pedra feia que necessita de escultor” (NIETZSCHE, 1995, p. 89/93), esse escultor pode ser ele mesmo, que não se furta de formar a si mesmo.

O Zaratustra de Nietzsche faz mobilizar um exercício formativo a partir do exemplo de educar-se a si mesmo. Ao dispor de suas narrativas, dos seus encontros, de suas dores, de suas contradições e incertezas, Zaratustra se mostra como educador, mas não como um educador que pretende repassar instruções fechadas e práticas, e sim como alguém que acima de tudo quer trocar vivências⁸ (MARTON, S. 2000, p. 124-125). Com esse olhar é interessante perceber como Heidegger vê Zaratustra no seu texto *Quem é o Zaratustra de Nietzsche*, que nos aponta algumas questões interessantes e peculiares.

Zaratustra não é um sedutor, não é um sábio, nem é um santo, também não é o salvador do mundo. Será então um falador? Sabe-se que ele não pretende divinizar as palavras, ou criar dogmas por meio delas, não almeja construir verdades e muito menos deveres.

⁸ “Longe de Nietzsche, pretender aprisionar o pensamento nos limites estreitos de uma dogmática; longe de Zaratustra, querer asfixiar a investigação, o peso do incontestável. Ambos sabem que a experiência de cada um se dá de acordo com o seu feito. ‘Sou um andarilho e um escalador de montanhas, disse ele (Nietzsche/Zaratustra) ao seu coração, não gosto das planícies e não posso ficar sentado tranquilo por muito tempo. E seja lá o que ainda me venha como destino e vivência’ (...). Em suas vivências, o autor e o personagem percebem os impulsos que dele se apoderam, os afetos que dele se apossam; notam as estimativas de valor que com estes impulsos se expressam e, no limite, as ideias que com estes afetos se manifestam (...). Recusando teorias e doutrinas, rejeitando a erudição, o filósofo sempre apela para sua experiência singular. É com o intuito de reforçar esta atitude que, repetidas vezes, recorre à imagem do sangue (...) com isso quer ressaltar que filosofia e vida se acham intimamente relacionadas (...)” (Cf. MARTON, Scarlett. **Nietzsche e Descartes: Desafios de Epitáfio**. In: Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche, p. 124-125).

Ele é um falador (Sprecher) De que espécie? Um orador popular ou talvez um pregador? Não. O falador Zaratustra é um ‘porta-voz’ (Fürsprecher) (...) O ‘Fürsprecher’ (Porta-voz) fala ‘diante de’ e dirige-se ou conduz a palavra. Mas ‘für’ significa, ao mesmo tempo: ‘a favor de’, e ‘em defesa de’ ou ‘para a justificação de’. Por fim, o ‘Fürsprecher’ é aquele que interpreta (ex-põe) e esclarece isso ‘de que’ e ‘para que’ ele fala (HEIDEGGER, M., 1997, p. 88).

Zaratustra é alguém que diz, expõe, interpreta e esclarece. Mas, o que ele pretende interpretar? Ou esclarecer? E a favor de quem ele deseja fazer isso? Não sendo o porta-voz de uma coisa qualquer, o que almeja comunicar diz respeito ao homem. Envolvido por certo mistério, como falador, ele pode esclarecer, resguardando para si mesmo o desconhecido e o misterioso de sua própria *Bildung* (formação) e em certa medida aquilo que se propõe a interpretar.

Então, se Zaratustra não quer ser visto como santo e muito menos como um profeta religioso que traz verdades acabadas para serem ensinadas (o que já é uma lição fundamental, pois se vive numa sociedade em que todos desconhecem a si mesmos e, na grande maioria, procuram por líderes, ou “mestres” que sempre apontem o caminho), Zaratustra é o *mestre* de sua própria verdade. Sim, é um mestre, um educador. Para Heidegger, ele é alguém que ensina, o que leva a confirmar que há um propósito pedagógico a ser destacado na obra *Assim Falou Zaratustra*. Torna-se mestre de dois ensinamentos: o eterno retorno e o além-do-homem (HEIDEGGER, M., 1997, p. 88) (*Übermensch*).⁹ E ele ensina na medida

⁹ Para esclarecer, o termo original empregado por Nietzsche é *Übermensch*, ele costuma ser traduzido por super-homem. O termo em Alemão (*Übermensch*), traduzido (por super-homem, além-do-homem) já se encontra em Luciano (*Cataplus*, 16) e, algumas vezes, foi usado para designar o homem-Deus (=Cristo; *V. T. TASSO, Lettere*, v. 6); foi empregado antes por Ariosto (*Orl. Fur.*, 38, 62) para indicar uma humanidade extraordinária. Foi introduzido na Alemanha por Heinrich Müller (*Geistliche Erbauungstunden*, 1664-66) e utilizado por vários escritores do Romantismo Alemão, inclusive por Goethe (*Fausto 1 – noite*). Mas é com Nietzsche que esse termo assume significado filosófico e popular. (Cf. Dicionário Filosófico, Nicola Abbagnano). Diz Rubens Rodrigues Torres, “além-do-homem” – por *Übermensch* termo de origem medieval, calcado sobre o adjetivo *übermenschliches* (sobre-humano), no sentido inicial de “sobrenatural” – em latim *humanus, homo* etimologicamente: o nascido da terra (de *humus*), cf. “mas que se sacrificam à terra, para que a terra um dia se torne além-do-homem” (s. 4). Firmado pela tradição literária (GOETHE, HERDER) e renovado radicalmente por Nietzsche: ser humano, que transpõe os limites do humano. Na falta de uma forma como, p. ex.: “sobre-humano” (como em francês *surhomme*), não há equivalente adequado em português, mas no prólogo, § 4 do Zaratustra, esse contexto e a direção em que deve ser lida a palavra – “Travessia, passar, atravessar”. – Para “travessia”, o texto traz apenas a preposição *Hinüber*, como que solta no ar, *Übergang* (de *übergehen*, passar sobre) está em simetria com *Untergang* (de *untergehen*, ir abaixo, declinar, sucumbir, que se usa também para o acaso dos astros) – numa tradução analítica, se diria: uma “ida-por-sobre”; para “atravessar”, *hinübergehen*. Todos esses jogos com *über* (sobre, por sobre, para além) são demarcatórios quanto ao sentido do prefixo em *Über-mensch* (...) (Cf. *Os pensadores*, Nietzsche: Obras incompletas, p. 213). O tradutor de Nietzsche, em espanhol, Andrés Sánchez Pascual, na nota de número 14 de *Así Habló Zaratustra*, diz que a palavra *Übermensch* é uma expressão que tem sido muito mal-entendida. Pode-se dizer que o além-do-homem não pode ser compreendido como uma espécie superior de homem, nem tampouco um homem que vem superar a humanidade toda desconfigurada e empobrecida. Ele representa uma força ativa, uma afirmação criadora, uma disposição à mudança, vista sob o contrário da força reativa, sem vida da cultura moderna, que tende a enfraquecer e aniquilar, representada, para Nietzsche, a partir do rosto do último-homem. O além-do-homem é a força que deseja vencer e afirmar a si mesmo para tornar-se o que se é. Por isso, Nietzsche convida para que sejamos duros, e duros não com os outros, mas conosco mesmos, pois para ter comando, antes é necessária a disciplina. Também a convocação para

em que *aponta* (HEIDEGGER, M., 1997, p. 92) e cabe a nós mesmos, como sugere o autor, aprender com o próprio *mestre* quem ele é, e isso exige que nos perguntemos com ele e para além dele (HEIDEGGER, M., 1997, p. 92). É assim que se pode experimentar o Zaratustra de Nietzsche também como educador. Cito-o: *Zaratustra é o mestre do eterno retorno do igual e do além-do-homem (...). Zaratustra não é o mestre que ensina duas coisas distintas. Zaratustra ensina o além-do-homem porque ele é o mestre do eterno retorno do igual. Mas também, ao contrário* (HEIDEGGER, M., 1997, p. 104).

Esse mestre (educador) que se coloca com essa tarefa deseja companheiros; mas quem é do seu feitio. Não almeja ouvidos que se curvem para as suas palavras, não quer ouvinte e leitor¹⁰ que acatem tudo sem restrições. Não quer esse tipo de homem para se comunicar.

tornar-se duro não quer dizer sem afetividade. O além-do-homem também não pode ser entendido como um indivíduo transcendental, que quer impor seus valores a outros; ele, como diz Zaratustra, é o sentido da terra, não é uma nova raça, nem um *telos* a ser seguido, uma finitude, um ideal, pronto e acabado. Assim, o termo será mais bem compreendido no contexto histórico da tradição; fora dele, há leituras racistas do pensamento de Nietzsche quando é sabido que não há conotação política em relação ao termo. O conceito pode ser visto como a própria voz da vida ativa, contrapondo-se aos valores decadentes. Na obra “Za/ZA” o termo não faz referência a nenhum emprego anterior do qual seja cunhado o termo, seja em seu aspecto teológico-religioso, seja na concepção romântica do gênio ou mesmo sob a perspectiva do culto ao herói. Parece que Nietzsche quer cunhar o termo a partir da sua própria interpretação, quer dar o seu sentido sobre o termo, que esteja para além das concepções cristãs e até mesmo da romântica.

¹⁰ O seu tipo de leitor é aquele que não se curva aos livros, que não os transforma em dogmas, que não fixa nem cria verdades absolutas em torno do que lê. Pensa Nietzsche que livros podem ser tanto amigos como inimigos, visto que somente nessa relação leitor e escritor, leitor e ouvinte, interpõe-se uma espécie de luta, uma tensão criativa. É só assim que se caminha para além da leitura, para além das verdades. Nietzsche faz uma espécie de provocação a cada um de “nós” para ir de encontro à inércia, ao estômago preguiçoso, ao corpo sedentário, à obesidade espiritual. O que Nietzsche deseja é um leitor ousado, que dê a si mesmo mobilidade para pensar, faça essa exigência de criar contrários, imponham-se alimentos saudáveis. Nietzsche quer incluir e excluir leitores, quer companhia, mas também quer afastamento. São, portanto, condições bem precisas que exige do seu leitor. Contudo, ele não quer estabelecer necessariamente um método para o seu estudo, mas instigar o seu ouvinte/leitor a caminhar com seus próprios pés. Sabe bem que não existe apenas uma leitura. Por isso, a sua provocação quer instigar sentidos e multiplicidades de olhares. Pode-se verificar que para o seu estudo Nietzsche exige uma nova forma de interpretação, não deseja ser lido por qualquer um. Sua filosofia, mestra de reflexões densas, argumentando e desconstruindo questões milenares, deseja enraizar-se na vida, pois delimita um compromisso com a autêntica crítica. Essa preocupação perpassa todos os seus escritos, mas se intensifica exatamente em sua obra “Za/ZA”, talvez porque nesse livro desenvolva um estilo bastante especial. Sobre a preocupação do leitor/ouvinte é interessante consultar o aforismo § 381 da “FW/GC”. Verificar também: “O leitor do qual espero alguma coisa deve ter três qualidades. Deve ser calmo e ler sem pressa. Não deve intrometer-se nem trazer para a leitura a sua formação. Porque, não pode esperar na conclusão, como um tipo de resultado, novos tabelamentos” (CV/CP: Cinco prefácios para cinco livros não escritos, p. 33). Nietzsche retrata essa preocupação em uma de suas primeiras meditações sobre a questão do ensino e da educação na Alemanha, “Pensamentos sobre o futuro de nossos institutos de formação”. Nietzsche efetivamente é um escritor preocupado, atento, cuidadoso com sua filosofia e ao mesmo tempo deseja manter uma relação respeitosa com os seus leitores, evocando, assim, sua vocação pedagógica: isto pode ser muito bem visualizado na tradução de Oswaldo Giacoia Junior do texto “A última fase de surgimento de A Gaia Ciência”. A necessidade de se comunicar o levava a rever frases, reescrever e retocar aforismos, fazendo várias correções, desejando, sobretudo, um bom estilo. Há um texto bastante interessante de Maria Cristina Ferraz intitulado: “Por uma filosofia para orelhas pequenas”, em que a autora vai se preocupar em discorrer sobre a questão do leitor desejado por Nietzsche para o seu estudo (Cf. FERRAZ, Maria Cristina. *Por uma filosofia para orelhas pequenas*. In: Assim falou Zaratustra III: para uma filosofia do futuro. (Orgs.) Charles Feitosa, Marco Antonio Casanova, Miguel Angel de Barrenechea e Rosa Dias. Rio de Janeiro, 7 letras, 2001. No *Ecce Homo* “Por que escrevo livros tão bons” § 4, fala sobre o animal de

De imediato, pode-se entender que Zaratustra é um educador (mestre) que não pretende ser bajulado, seguido e idolatrado, antes quer ouvintes ousados, questionadores, que desejem experimentar tensões e que tenham disposição para experimentar suas próprias criações. Sendo esse que fala a favor da vida, não pode abdicar da liberdade criadora.

Zaratustra fala a favor da vida, da dor, do círculo – isto ele profere. Estes três, a saber, ‘a vida – dor – círculo’; se copertencem – são o mesmo. Se estivéssemos em condições de pensar essa triplicidade como um e o mesmo, estaríamos de presentir de que Zaratustra é o porta-voz e quem ele mesmo enquanto porta-voz gostaria de ser (...). Zaratustra apresenta-se como o porta-voz disso, a saber, que todo real é vontade de poder que, enquanto criadora, padece e suporta a vontade que luta consigo mesmo no eterno retorno do igual (HEIDEGGER, M., 1997, p. 88-89).

Esta é a sua grande sabedoria. Heidegger procura descrever o difícil processo pelo qual Zaratustra sofreu, a luta, o horror para ser o falador da vida, da dor e do círculo e nesse processo ele se torna o educador do eterno retorno. Afirma: *Tu (a saber, Zaratustra) és o mestre do eterno retorno (...). Eu (a saber, Zaratustra) ensino o além-do homem* (HEIDEGGER, M., 1997, p. 89). Zaratustra é alguém que ensina. Heidegger sugere que devemos aprender a ouvi-lo e para isso não é só importante juntar as frases que diz sobre si mesmo, mas se deve muito antes aprender como ele diz, em que ocasião e com que propósito. No seu texto, Heidegger procura mostrar a importância de se perceber o próprio movimento do personagem central, pois aquele que não percebe o pavor presente em Zaratustra jamais o entenderá em sua profundidade. Destaca que o pavor, os horrores determinam o estilo da obra, afirmando que o andamento hesitante se mostra em todo o seu itinerário. Cito-o:

(...) Zaratustra retrai-se cheio de pavor. O pavor que apresenta e expõe na obra perpassa toda ela. Este pavor determina o estilo, o andamento hesitante e crescentemente emperrado do todo da obra. Desde o começo de seu caminho, este pavor sufoca o Zaratustra (...). Jamais virá a saber quem é Zaratustra quem previamente não se der conta deste pavor (HEIDEGGER, M., 1997, p. 90-91).

orelhas compridas e afirma que ele mesmo é o contrário disto “tenho as orelhas mais curtas que existem”. A sua preocupação era tão grande com relação ao leitor desejado para seu estudo, como gostaria de ser compreendido e não mal interpretado, que Nietzsche sabia, por exemplo, que a maneira de como escreveria “Za/ZA” levaria tanto à fascinação, à sedução, como à possibilidade de leitores mais desatentos desviarem a reflexão filosófica da sua obra. Para Nietzsche, a sua obra precisa de ouvintes e leitores seletos, pois aspira comunicar experiências e vivências, mas sabe que para tal tarefa, para aquilo que “não se tem acesso por vivências, não se tem ouvidos” (EH/EH. “Por que escrevo livros tão bons” § 1). Nesse sentido, sobretudo nos últimos escritos, no período mais tardio de suas reflexões e pesquisas filosóficas, desdobrou-se para tentar elucidar o “Za/ZA” para não ser mal interpretado. Assim, “Além de Bem e Mal”, “A Genealogia da Moral”, “A Gaia Ciência”, “Ecce Homo”, “Anticristo”, “Crepúsculo dos Ídolos” e até mesmo seus novos prefácios foram tentativas de esclarecer seus propósitos filosóficos e os de Zaratustra. Em suas obras finais foram retomadas e aprofundadas questões já referenciadas em Zaratustra. Mesmo com todo esse esforço a obra de Nietzsche tem passado por leituras ligeiras e desatentas. Mas também há muitos estudiosos, como Deleuze, Jaspers, que advertem para que se ouça Nietzsche com a devida atenção. Percebe-se que tanto cuidado com essa obra indica que para Nietzsche seria ela a mais importante do seu percurso intelectual.

Segundo Heidegger, desde o começo do caminhar de Zaratustra o pavor e o horror estão presentes. Porém, entende-se que isso não pode ser visto como determinante em Zaratustra, visto que ele também celebra a vida, a existência, mesmo com todo o horror e dor que nela possa haver, mas isto é negligenciado por Heidegger. Há pavor no percurso Zaratustriano, mas também há alegria e jovialidade e isso não pode ser negado.

Contudo, entende-se que o pavor que Heidegger salienta é, em certa medida, o justo ato de educar-se a si mesmo, demonstrando que esse processo, em relação *ao como se tornar o que se é*, exige que se mexa com os valores mais profundos, com os hábitos mais comuns, por isso, o pavor é ao mesmo tempo o receio, mas é também aquilo que inspira seu desafio, porque não se sabe aonde chegar, não se sabe o que se vai encontrar. Por isso, para se aprender com o mestre que é Zaratustra, é preciso também saber perguntar para ele. Ele procura ensinar primeiramente a si mesmo, lembrando que a dramaticidade de sua constituição é prova de que o indivíduo em si mesmo ainda vive, sente, tem paixões, pois não se deixou ser moldado pela figuração decadente. Zaratustra lida e convive também com esse pavor, porque sabe que a formação não está de antemão configurada, mas não é possível negar que ele lida com a alegria, sendo esse conjunto algo presente em sua formação.

Heidegger (1997, p. 83) no seu texto nos leva para outro campo de sentido, para a imagem da ponte, que inspira passagem, ultrapassagem e travessia. Ele procura considerar três aspectos: 1 – de onde o ultrapassante vai embora; 2 – a própria ultrapassagem; 3 – para onde o ultrapassante se transpõe. Ora, essa imagem é o próprio processo de educar de Zaratustra. É necessário, mesmo que provisoriamente, saber o que se tem em vista, é necessário pensar “para onde”, pois sem essa questão a ultrapassagem fica indeterminada, não se sabe o que liberar, embora não se saiba aonde verdadeiramente se vai chegar e o que se vai ter.

Mesmo que se tenha certo mistério nesse processo de travessia e ultrapassagem, já que não se sabe efetivamente o que é esperado, parece importante pensar o “para onde”. No entanto, o “para onde” permanece insistentemente distante, inclusive para o mestre Zaratustra. Assim, o distante insiste visto que permanece e ao permanecer insiste em uma proximidade, ou seja, naquilo que o distante resguarda como distante permanece a direção do pensamento. É esse o jogo que lança o indivíduo para além de si mesmo.

O que faz Zaratustra ser exemplar no seu educar-se a si mesmo é que ele permite querer tanto a proximidade do distante como o distante da proximidade, ou seja, o tornar-se a si mesmo requer esse justo movimento da necessidade do encontro, das realizações, das experiências sentidas, daquilo que se almeja e se quer, mas também a sabedoria de lidar com o indiferente, com o não-realizável e com as experiências não sentidas, com a passagem e com o que é provisório. É exatamente essa compreensão do movimento da vida e da formação que revela para Zaratustra o anseio, o anelo, a busca, pois esse é exatamente o drama da constituição, esse é o seu padecimento, sua dor pela ultrapassagem, pois quer atravessar a si mesmo. Isto nos faz entender a extrema profundidade de Nietzsche, e nos faz lembrar quão medíocres são os nossos educadores e quão medíocre é a nossa formação. Porque não se anseia mais, não se pretende ultrapassar mais nada. Tudo parece estar na justa medida, acomodado, tranquilo e harmonioso.

O que Zaratustra ensina por meio de sua formação é: para se ultrapassar o lodo de si mesmo é necessário estar fora desse amansamento da mediocridade oferecida pela cultura do seu tempo. Se o anseio que Zaratustra sente está no para onde que não está dado, concluído, para o homem moderno qualquer lugar é bom. Não é necessário padecer, sofrer, porque não se pretende chegar a nenhum lugar. Portanto, ele nos indica que esse homem já não quer mais a experiência de como *se tornar o que se é*, já não tem anseio para isso. Com isso, essa obra é profunda e reveladora, porque mostra o pavor, o sofrimento e o anseio de Zaratustra nesse labor de *como se tornar o que se é*, ou tornar-se aquele que ensina o além-do-homem e o eterno retorno. Para tornar-se esse mestre ele leva sua formação ao raio do que há de mais fundo e profundo na existência, sem com isso determinar-se, ou negar aquilo de que Heidegger não fala, a alegria de fazer e conviver também com o pavor. É nessa tensionalidade que ele se constitui e se lança para a vida.

Do mesmo modo, o texto de Heidegger não apresenta nenhuma consideração pelos discípulos de Zaratustra. Contudo, acredita-se que, em certa medida, eles sejam relevantes para o processo de aprendizagem do personagem central. Em certa medida, os discípulos são as pessoas com quem Zaratustra tenta dialogar e é nessa relação que ele comunica, denuncia e critica, mas também se mostra criador e criativo. Pode-se pensar que Zaratustra, ao querer trocar vivências e experiências, não visa ser criador só de si mesmo, mas sugere afetar outros que estejam condizentes com o seu próprio processo libertador. Não que ele necessariamente queira conduzir os discípulos para algum lugar, como nos coloca o texto de Haim Gordon *Nietzsche's Zaratustra as Educator*,¹¹ mas há o desejo de querer companheiros que sejam seguidores, antes de tudo, porque querem seguir a si mesmos.

Quando Zaratustra denuncia, expõe, critica, comunica, esclarece, não é para obter servos, mas para que os discípulos compreendam a necessidade de ter responsabilidades sobre si mesmos. A autoconfiança de Zaratustra encaminha-se para uma profunda responsabilidade daqueles que saibam conduzir seu próprio destino pessoal. O discípulo é importante porque ele testa a si mesmo diante do seu destino pessoal. Porque não impõe, não determina, quer trocar vivências. Do ponto de vista educacional, Zaratustra desce da montanha, no primeiro momento, visando à educação para o além-do-homem, mas no transcorrer do seu aprendizado se educa, se torna seletivo e aprende que a sua mensagem não é para todos. E cada vez mais ele vai se dando conta de que o como *se tornar o que se é* é um processo que visa levar cada um a assumir o seu próprio destino e comando. Portanto, o que o diferencia de outros educadores que desejam mudar o modo de vida de seus alunos é sua habilidade para aprender com o seu fracasso.¹² Este o ensinou que ele não é dono da verdade, da única interpretação, da única norma, da única fala. Ele tem a sua interpretação, a sua verdade, a sua norma e a sua fala.

Assim, o texto de Heidegger é extremamente importante para a hipótese que atravessa esse texto e que não pode deixar de ter sua relevância para os interessados na filosofia de Nietzsche.

¹¹ Haim Gordon. Nietzsche's Zarathustra as Educator. In: *Journal of Philosophy of Education*, n. 14. 1980.

¹² *Ibid*, p. 182.

3. OUTRAS ABERTURAS

A obra *Assim Falou Zaratustra* compõe aquilo que os especialistas de Nietzsche afirmam do terceiro período filosófico, embora tal período não demarque como carimbo definitivo o pensamento nietzschiano, mas sendo posto como efeito de estudo e trabalho de interpretação. A obra oferece várias perspectivas de leituras, abrindo para os estudiosos da Filosofia da Educação abordagem pertinente para se pensar processos formativos. O texto destaca como hipótese fundamental, inspirado em um texto de Heidegger, que Zaratustra é um educador. Ele é educador, não por motivos moralistas e disciplinares, mas pelo percurso de seu próprio processo e andanças experimentais de si mesmo. Com isso, há uma imagem exemplar para se pensar a formação pelo pleno exercício da singularização e da diferença.

REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir Luís. **Nilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos**. São Paulo: Discurso editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2004.
- DIAS, Rosa. **Nietzsche e a questão do Gênio**. In: Assim Falou Nietzsche. (Org.): Olímpio José Pimenta Neto, Miguel Angel de Barrenechea. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1999.
- FERRAZ FRANCO, Maria Cristina. **Por uma Filosofia para orelhas pequenas**. In: Assim Falou Nietzsche III. (Org.): Charles Feitosa, Marco Antonio Casanoca, Miguel Angel Barrenechea e Rosa Dias. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
- FINK, Eugen. **A Filosofia de Nietzsche**. Tradução: Joaquim Loureço Duarte Peixoto. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- GIACCOIA, Oswaldo Júnior. **Labirintos da alma: Nietzsche e auto-supressão da moral**. Campinas/ SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- GORDON, Haim. Nietzsche's Zaratustra as Educator. In: **Journal of Philosophia of Education**, n. 14, 1980.
- HEIDEGGER, Martin. **Quem é o Zaratustra de Nietzsche?** In: Ensaios e conferências. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- LAÜTER-MÜLLER, Wolfgang. **A doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche**. Tradução: Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo: Anablume, 1997.
- _____. **Décadence artística enquanto decadence fisiológica: A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner**. Tradução: Scarlett Marton. Cadernos Nietzsche, n. 6, 1999.
- MACHADO, Roberto. **Zaratustra: tragédia nietzscheana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- MARTON, Scarlet. **Nietzsche e Descartes: Filosofias de Epitáfio**. In: Extravagâncias: Ensaios Sobre a Filosofia de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: Como se llega a ser lo que se es**. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

_____. **Así habló Zaratustra: Un libro para todos y para nadie**. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

_____. **El nacimiento de la tragedia: O Grecia y el pesimismo**. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

_____. **Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Ecce Homo: Como alguém se torna o que é**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **O caso Wagner: Um problema para músicos**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **O nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Obras incompletas**. In: Coleção “Os pensadores”. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

_____. **Schopenhauer como Educador**. In: Escritos sobre Educação. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Schopenhauer como Educador**. [http://www. Nietzscheana. Com.ar/schopenhauer_como_educador.htm](http://www.Nietzscheana.Com.ar/schopenhauer_como_educador.htm) (Nietzsche em Castellano. Schopenhauer como educador. Traducción de Luis Moreno Claro. Madrid, 1999).

_____. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Tradução e prefácio de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

_____. **O Anticristo: maldição ao cristianismo**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **El Anticristo: Maldición sobre el cristianismo**. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

_____. **Crepúsculo de los ídolos: O cómo se filosofa con el martillo**. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

SALAQUARDA, Jörg. **A concepção básica de Zaratustra**. Tradução: Scarlett Marton. In: Cadernos Nietzsche, n. 2: São Paulo: 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Belo**. São Paulo: UNESP, 2003.

Submetido em: 13-7-2015

Aceito em: 22-10-2015